

O Mercado de Belém e o Cheiro do Pará na Madrugada

Por Cristiano Ricardo · Publicado em 11/03/2011

Conto curto e sensível por Cristiano Ricardo sobre cenas cotidianas do Brasil urbano, mesclando prosa ritmada, leve ironia e ecos da nossa história.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://cristianoricardo.com/post/o-mercadao-de-belem-e-o-cheiro-do-para-na-madrugada-2011-03-11>

Antes de o sol despontar sobre a curva do Rio Guamá, o Ver-o-Peso já é um continente acordado.

O cheiro de peixe fresco, tucupi amarelo fermentando em cuias e folhas maceradas de pripioca impregna a brisa do porto.

As canoas descarregam os paneiros de açaí com um ritmo quase litúrgico.

Dona Nazaré montava sua barraca de tacacá com a perícia de quem maneja fogo e veneno com elegância.

A goma de tapioca translúcida, o jambu que adormece suavemente a língua e o camarão seco salgado formam uma alquimia que nenhuma universidade europeia saberia reproduzir sem manual de instruções.

Um comprador de madeiras do sul tentou apressar a cuia.

— Sai logo esse tacacá, minha senhora?

Dona Nazaré olhou para ele com a serenidade de quem conhece a força das marés amazônicas desde antes da chegada de Pedro Álvares Cabral:

— Meu filho, o jambu precisa de tempo pra tremelicar no beijo. Quem tem pressa na Amazônia engole espinha de pirarucu e não volta pra contar a viagem.

O homem sentou no banquinho de plástico.

Tomou o primeiro gole da cuia.

A língua amorteceu num formigamento delicioso.

Apressado nenhum resiste ao encanto do tucupi bem temperado.

Cristiano Ricardo — Escritor

Crônicas Brasileiras & Flagrantes do Cotidiano · Publicado em 11/03/2011 às 04:50.